

16 a 31 de OUTUBRO de 2015As principais informações da
economia mundial, brasileira e baianaSuperintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
Diretoria de Indicadores e Estatísticas
Coordenação de Acompanhamento Conjuntural

INTRODUÇÃO

Os destaques da economia nacional, para a segunda quinzena de outubro, referem-se ao recuo do índice de atividade econômica do Banco Central (IBC-BR); crescimento do IPCA - 15; aceleração do IGP-M; manutenção da taxa básica de juros (Selic); manutenção da taxa de desocupação; fechamento de vagas no mercado formal de trabalho; queda do emprego na indústria; declínio das vendas no comércio on-line pela primeira vez em quinze anos; aumento da confiança da indústria; crescimento da confiança da indústria; aumento da confiança do consumidor; recuo da demanda de crédito pessoal; queda da arrecadação de impostos do governo federal; crescimento da dívida pública; desemprego subiu no trimestre até agosto.

Na conjuntura internacional destacaram-se os seguintes acontecimentos econômicos na segunda quinzena: bom desempenho do setor imobiliário dos EUA; deflação da economia norte-americana; superávit da zona do euro; crescimento baixo na China no terceiro trimestre; redução da taxa de juros chinesa; crescimento das exportações do Japão; recuo da produção industrial japonesa.

IBC-Br recuou em agosto

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) apresentou queda de 0,76% em agosto, já descontado a sazonalidade, na comparação com julho. De acordo com os dados revisados em julho, comparado ao mês anterior, a atividade econômica ficou praticamente estável (-0,01%). Neste ano, houve crescimento somente em maio (0,03%) e em fevereiro (0,57%). Em agosto, comparado ao mesmo mês de 2014, houve de queda de 4,47%, de acordo os dados sem ajustes, pois a comparação é feita entre meses iguais. Nos oito meses do

ano, em relação ao igual período de 2014, houve queda de 2,99%. Em 12 meses encerrados em agosto, a retração chegou a 2,16% (dados sem ajuste). (AGÊNCIA BRASIL, 16/10/2015).

IPCA-15 foi o maior para outubro desde 2012

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo 15 (IPCA-15) teve variação de 0,66% em outubro e ficou 0,27 ponto percentual acima da taxa de setembro (0,39%). Esse foi o índice mais elevado para um mês de outubro desde 2002 (0,90%). O acumulado do ano (8,49%) foi o mais elevado acumulado de janeiro a outubro desde 2003 (9,17%). Em 2014, o acumulado no mesmo período estava em 5,23%. Em relação aos últimos 12 meses (9,77%), a taxa acumulada ficou não somente acima dos 12 meses imediatamente anteriores (9,57%) como foi a mais elevada desde dezembro de 2003 (9,86%). Em outubro de 2014 o IPCA-15 fora de 0,48%. Em outubro, sete dos nove grupos de produtos e serviços pesquisados mostraram aceleração na variação de preços em relação ao mês anterior. Dentre os grupos que influenciaram o índice, os destaques foram: Habitação (1,15%), transportes (0,80%) e alimentos e bebidas (0,62%) (IBGE, 21/10/2015).

IGP-M acelerou em outubro

O IGP-M avançou 1,89% em outubro, segunda a FGV, sucedendo alta de 0,95% no mês anterior. A maior taxa de crescimento no período refletiu a forte aceleração dos preços no atacado, ainda que o comportamento do IPA industrial tenha sido menos intenso do que foi previsto. A inflação do IPA agregado passou de 1,30% em setembro para 2,63% em outubro, impulsionada pela alta de 2,08% para 3,83% do IPA agrícola e de 1,01% para 2,16% dos produtos industriais. O índice de preços ao consumidor também exibiu ligeira aceleração, ao passar de 0,32% para 0,64% no período (ECONOMIA EM DIA, 29/10/2015).

Copom manteve a taxa de juros inalterada

O comitê de política monetária do Banco Central (Copom) decidiu, conforme o esperado, manter a taxa Selic inalterada em 14,25% ao ano. No comunicado emitido após o encontro, a instituição reafirma seu compromisso com a convergência da inflação para a meta. Para isso, defende que será necessário manter a taxa de juros no atual patamar por um período prolongado. No entanto, o comitê estendeu seu horizonte de convergência para além de 2016, como vinha defendendo em seus comunicados anteriores. De qualquer forma ressalta que “se manterá vigilante para a consecução desse objetivo”. Entende-se que tal mudança

é justificada pela intensidade do choque recente sobre o câmbio, que, por outro lado, tende a ser transitório. Com isso, é reforçada a expectativa que o Copom manterá a taxa de juros em 14,25% ao menos até o segundo semestre de 2016, tornando assim bastante provável a convergência da inflação para 4,5% já em 2017 (*ECONOMIA EM DIA*, 22/10/2015).

Desocupação manteve o mesmo resultado do mês anterior

A taxa de desocupação em setembro de 2015 foi de 7,6% para o conjunto das seis regiões metropolitanas investigadas, mantendo o mesmo resultado do mês anterior. No confronto com setembro de 2014, a taxa passou de 4,9% para 7,6%. A população desocupada não apresentou variação frente ao mês anterior, porém em relação ao ano passado cresceu 56,6%. A população ocupada também manteve estabilidade na análise mensal e retração de 1,8% na comparação com setembro de 2014. Dentre as regiões metropolitanas houve destaque para o aumento no Rio de Janeiro (passou de 5,1% para 6,3%), e diminuição em São Paulo (caiu de 8,1% para 7,3%). As demais regiões metropolitanas (Recife, Salvador, Porto Alegre e Belo Horizonte) permaneceram estáveis (*IBGE*, 22/10/2015).

Desemprego subiu no trimestre até agosto e é o maior em 3 anos

A taxa de desocupação para o Brasil, no trimestre até agosto, foi de 8,7%, superando a do trimestre anterior encerrado em maio de 2015 de 8,1%. Foi maior taxa de desocupação da série, iniciada em 2012. Na comparação com o mesmo período do ano anterior a taxa de desocupação foi de 6,9%. A população desocupada cresceu 7,9% frente ao trimestre anterior, e 29,6% na comparação com 2014. Já a população ocupada ficou estável em ambas as comparações. O número de empregados com carteira assinada recuou 1,2% frente ao trimestre de março a maio, e recuou 3,0% no trimestre do ano passado (*IBGE*, 29/10/2015)

Brasil fechou vagas de emprego em setembro

O Brasil fechou 95.602 vagas formais de trabalho em setembro, no pior resultado para o mês desde o início da série histórica, iniciada em 1992, e num desempenho muito pior que o esperado, em um cenário de forte recessão da economia e baixa confiança. Segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), o desempenho no mês foi negativo de maneira generalizada, impactado principalmente pelas demissões líquidas no setor de serviços (-33.535), construção civil (-28.221), comércio (-17.253) e indústria da transformação

(-10.915). De janeiro a setembro, foram perdidos 657.761 postos de trabalho no país, na série com ajuste, pior resultado da série histórica iniciado em 2002. No acumulado em 12 meses, as demissões de empregos com carteira assinada chegaram a 1,239 milhão de vagas, também na série com ajuste. Na Bahia, o saldo negativo foi de 4.360 postos de trabalho, uma redução de 0,24% (REUTERS, 23/10/2015).

Emprego industrial atingiu menor nível da série

O emprego na indústria voltou a atingir, em agosto, o menor nível da série, iniciada em dezembro de 2000, segundo o IBGE. O resultado negativo de agosto levou o indicador de emprego industrial a acumular uma queda de 5,1% em 12 meses. É a primeira vez que o resultado nesse tipo de confronto supera a retração percebida em dezembro de 2009 (-5,0%). Com isso, a força de trabalho na indústria brasileira já registra a maior queda da série - que tem informações desde dezembro de 2001 nesse recorte. O emprego industrial encolheu 0,8% em agosto na comparação com julho, à oitava taxa negativa seguida. Na comparação com igual mês do ano anterior, o indicador recuou 6,9%, a 47ª baixa seguida e a mais intensa da série. O número de horas pagas pela indústria e o valor real da folha de pagamento também encolheram no período (EXAME, 16/10/2015).

Comércio eletrônico teve em agosto primeira queda desde 2000

Em agosto, o volume de pedidos para as grandes companhias de varejo on-line encolheu, pela primeira vez em 15 anos. Houve queda de 7% no volume de pedidos dos consumidores, em relação a agosto do ano passado. No primeiro semestre, o número de consumidores ativos também caiu 7 %, em relação ao primeiro semestre de 2014. E a receita cresceu mais devagar - no primeiro semestre do ano passado aumentava a um ritmo de 19%; neste ano, a 8,8%, em termos reais. As varejistas virtuais superaram o desempenho do comércio varejista, que teve queda de 2,2% nas vendas do semestre, segundo o IBGE (VALOR, 26/10/2015).

Aumento da confiança da indústria

O Índice de Confiança da Indústria (ICI) cresceu 2,3% na margem em outubro, excetuada a sazonalidade, conforme divulgado pela FGV. O resultado, que está em linha com a alta de 2,4% reportada na leitura preliminar, foi impulsionado pela melhora da avaliação das expectativas, cujo índice cresceu 8,9% na passagem de setembro para outubro. Em contrapartida, o indicador

de situação atual caiu 4,0%. Na comparação interanual, o ICI recuou 18,1%. O Nível de Utilização da Capacidade Instalada (NUCI) apresentou ligeira alta de 0,2 p.p. na série dessazonalizada. Já na série original, o NUCI oscilou de 83,2% em outubro de 2014 para 77,7% neste mês. Apesar da melhora da confiança na margem, o baixo patamar do indicador sugere continuidade do enfraquecimento do setor industrial no período (*ECONOMIA EM DIA*, 28/10/2010).

Confiança do consumidor aumentou em outubro

A confiança do consumidor aumentou em outubro, na comparação com setembro, de acordo com o Índice de Confiança do Consumidor (ICC), da FecomercioSP. O indicador subiu 3,8%, para 88,8 pontos, um resultado puxado pela melhora das expectativas, cujo índice avançou 7,7%, para 110,6 pontos. Na comparação com o ano passado, a queda segue forte por causa da forte deterioração da percepção dos consumidores a respeito do momento atual da economia. Neste confronto, o ICC recuou 23,4%, acompanhando o tombo recorde de 47,7% no subíndice de Condições Econômicas Atuais (Icea), de 107,1 pontos no ano passado para 56,1 neste ano. Na comparação com setembro houve queda de 6,3%. Já o Índice de Expectativas do Consumidor (IEC) caiu 9,1% ante outubro de 2014 (*VALOR*, 23/10/2015).

Queda na demanda por crédito

O número de consumidores que procurou crédito em setembro caiu 3,9% em setembro, na comparação com agosto, e recuou 3,6% em relação ao mesmo período do ano passado, de acordo com dados da Serasa Experian. No acumulado do ano, a demanda ainda registra alta de 3,2%. Juros altos e aumento do desemprego são fatores que têm provocado a queda na busca por crédito, segundo a empresa. O recuo tem sido maior entre as camadas inferiores de renda. Na comparação com agosto, houve queda de 3,8% para aqueles que ganham até R\$ 500 por mês, recuo de 4,1% para os que recebem entre R\$ 500 e R\$ 1.000 mensais, e diminuição de 3,9% para os consumidores cujo rendimento mensal está entre R\$ 1.000 e R\$ 2.000. No corte por regiões, a maior queda na busca por crédito em setembro ante agosto ocorreu no Sul (-7,5%), seguido por Centro-Oeste (-6,9%), Norte (-3,1%), Sudeste (-2,7%) e Nordeste (-2,1%) (*VALOR*, 19/10/2015).

Arrecadação federal registrou pior setembro em cinco anos

A arrecadação do governo federal com impostos e contribuições teve queda real de 4,12% em setembro sobre igual mês do ano passado, para 95,239 bilhões de reais, pior resultado

para o mês em cinco anos e complicando ainda mais o quadro para o governo, que tenta melhorar as contas públicas do país. O desempenho do mês passado foi o pior para setembro desde 2010, quando a arrecadação somou 90,984 bilhões de reais, em dados corrigidos pela inflação, informou a Receita Federal. De janeiro a setembro, a arrecadação somou 878,729 bilhões de reais, queda real de 2,61% na comparação com igual período do ano passado, ressaltando o árduo caminho que o Executivo tem pela frente para conseguir reequilibrar suas contas. O desempenho dos nove primeiros meses do ano foi influenciado pela queda real de 12,42% na arrecadação com o IRPJ-CSLL. Houve ainda queda no IR para Pessoa Física, de 4,91%, e COFINS e PIS/PASEP, de 5,49% (REUTERS, 23/0/10/2015).

Dívida pública sobe 1,80% em setembro para R\$ 2,734 trilhões

O estoque da dívida pública federal (DPF) subiu 1,80% em setembro, quando atingiu R\$ 2,734 trilhões. Os dados foram divulgados nesta segunda-feira, 26, pelo Tesouro Nacional. Em agosto, o estoque estava em R\$ 2,686 trilhão. A correção de juros no estoque da DPF foi de R\$ 34,89 bilhões no mês passado. A DPF inclui a dívida interna e externa. A Dívida Pública Mobiliária Federal interna (DPMFi) subiu 1,44% e fechou o mês em R\$ 2,588 trilhões. Já a Dívida Pública Federal externa (DPFe) ficou 8,62% maior, somando R\$ 145,89 bilhões (US\$ 134,32 bilhões no mês passado). A parcela da DPF a vencer em 12 meses caiu de 25,20% em agosto para 23,35% em setembro, segundo o Tesouro Nacional. O prazo médio da dívida subiu de 4,56 anos em agosto para 4,62 anos em setembro. O custo médio acumulado em 12 meses da DPF passou de 15,93% ao ano em agosto para 16,07% a.a. em setembro (EXAME, 26/10/2015).

ECONOMIA INTERNACIONAL

Bom desempenho do mercado imobiliário americano

A construção de novas residências nos EUA atingiu 1,2 milhão de unidades em setembro, em termos dessazonalizados e anualizados, conforme divulgado pelo Departamento do Comércio norte americano. Assim, houve alta de 6,5% na margem e de 17,5% na comparação interanual. No sentido oposto, as licenças para a construção de novas casas somaram 1,1 milhão de unidades no mês passado, também em termos anualizados e descontada a sazonalidade. O resultado representa uma queda de 5,0% na comparação com o mês anterior. Em relação ao mesmo período do ano passado, entretanto, houve expansão de 4,7%. Dessa forma, os dados reforçam o bom desempenho do setor imobiliário norte-americano, sugerindo continuidade

do crescimento da atividade no terceiro trimestre, ainda que em ritmo menos intenso do que o observado nos três meses anteriores (*ECONOMIA EM DIA*, 21/10/2015).

Economia norte-americana apresentou deflação em setembro

O índice de preços ao consumidor dos EUA registrou queda de 0,2% na passagem de agosto para setembro, conforme divulgado pelo Departamento do Trabalho. O resultado ficou em linha com o previsto pelo mercado e refletiu, essencialmente, o recuo de 4,7% dos preços de energia – com destaque para a queda de 0,9% da gasolina. Com isso, o núcleo do indicador, que exclui do cálculo os preços de alimentação e energia, expandiu 0,2%. Na comparação interanual, a inflação ficou estável em setembro, ao passo que o núcleo cresceu 1,9%. Portanto, assim como sugerem outros indicadores de atividade divulgados recentemente, esse resultado aumenta a probabilidade de a elevação da taxa de juros norte-americana ocorrer somente em 2016 (*ECONOMIA EM DIA*, 16/10/2015).

Superávit na Zona do euro

A zona do euro teve superávit comercial de 11,2 bilhões de euros em agosto, maior que o saldo positivo de 7,4 bilhões de euros registrado em igual mês do ano passado, segundo a agência de estatísticas da União Europeia, a Eurostat. As exportações da zona do euro totalizaram 148,3 bilhões de euros em agosto, representando avanço anual de 6%, enquanto as importações somaram 137,1 bilhões de euros, com alta de 3% em relação a agosto de 2014 (*EXAME*, 16/10/2015).

China teve no terceiro trimestre crescimento mais baixo desde 2009

A economia chinesa registrou, no terceiro trimestre deste ano, o mais baixo crescimento desde o pico da crise financeira internacional (6,9%), mas dentro da meta do governo chinês para 2015, “cerca de 7%”, o valor mais baixo dos últimos 25 anos. Entre junho e setembro, o Produto Interno Bruto chinês aumentou para 48,78 bilhões de yuan (6,75 bilhões de euros). Nos primeiros nove meses do ano, as importações chinesas caíram 15,1%, para 7,63 mil milhões de yuan (a moeda chinesa), enquanto as exportações baixaram 1,8%, para 10,24 mil milhões de yuan. Em agosto, a moeda chinesa desvalorizou sucessivamente 1,9%, 1,6% e

1,1% em relação ao dólar norte-americano, na maior queda do gênero desde 1994. A China passa por uma transição no modelo de crescimento, com maior ênfase no consumo doméstico, em detrimento das exportações e investimentos, que asseguraram três décadas de forte, mas “insustentável”, crescimento econômico (EXAME, 19/10/2015).

China reduziu a taxa de juros para combater a desaceleração econômica

O banco central da China cortou a taxa de juro e o compulsório bancário, acelerando os esforços para frear uma desaceleração econômica maior. A taxa de empréstimo de um ano vai sair de 4,6% para 4,35% e a taxa de depósito de um ano, de 1,75% para 1,5%. O compulsório bancário para todos os bancos foi reduzido em 0,5 ponto percentual, com um corte extra de 0,5 ponto para determinadas instituições. A autoridade monetária chinesa também retirou o teto da taxa de depósito (VALOR, 23/10/2015).

Avanço nas exportações no Japão

As exportações japonesas aumentaram, porém menos do que o esperado em setembro, afetados pelo baixo crescimento da China e de outras economias asiáticas. As exportações de mercadorias avançaram 0,6% em setembro na comparação com mesmo mês do ano anterior em termos de valor, para 6,417 trilhões de ienes, o 13º mês consecutivo de alta. As importações japonesas caíram 11,1% em setembro em relação a um ano antes, para 6,532 trilhões de ienes, o nono mês consecutivo de queda e a maior retração desde a queda de 14,4% em março. A balança comercial do Japão chegou a um déficit de 114,5 bilhões, bem menor do que o déficit de 961,98 bilhões de ienes em 2014 (VALOR, 20/10/2015).

Produção industrial do Japão recuou em agosto

O governo do Japão revisou para baixo a leitura final de agosto da produção industrial para uma queda de 1,2% em relação a julho, na comparação com o recuo de 0,5% na leitura preliminar. Os dados foram divulgados e podem ser um forte golpe nos esforços do Banco do Japão para dissipar o pessimismo sobre a economia do país. Em julho, a produção industrial havia recuado 0,8% em relação a junho. Na comparação anual, a produção industrial de agosto recuou 0,4% ante o mesmo mês do ano passado. Na leitura preliminar, a comparação

anual havia apontado para alta de 0,2%. Em julho, a produção industrial havia ficado estável (variação zero) ante o mesmo mês do ano passado (VALOR, 15/10/2015).

EXPECTATIVAS DE MERCADO

De acordo com o relatório *Focus* do Banco Central do Brasil (BACEN), divulgado em 30 de outubro, a mediana das projeções do IPCA para 2015 cresceu de 9,70% para 9,91%. Para 2016, a previsão subiu de 6,05% para 6,29%. Em relação ao comportamento do PIB no ano corrente, o mercado financeiro passou a previsão de -2,97% para -3,05%. Em 2016, a estimativa de crescimento passou de -1,20% para -1,51%. As expectativas do mercado, para a segunda quinzena de outubro de 2015, podem ser visualizadas nos dados do Relatório Focus, apresentados na tabela a seguir.

Relatório Focus – Expectativas de Mercado

Expectativas do mercado						
Mediana – agregado	2015			2016		
	9 out.	30 out.	Comportamento	9 out.	30 out.	Comportamento
IPCA (%)	9,70	9,91	▲	6,05	6,29	▲
IGP-M (%)	9,15	9,88	▲	5,93	6,01	▲
Taxa de câmbio - média do período (R\$/US\$)	3,41	3,40	▼	4,01	4,11	▲
Meta Taxa Selic – fim do período (% a.a.)	14,25	14,25	=	12,63	13,00	▲
PIB (% do crescimento)	-2,97	-3,05	▼	-1,20	-1,51	▼
Produção Industrial (% do crescimento)	-7,00	-7,00	=	-1,00	-2,00	▼
Conta Corrente (US\$ bilhões)	-65,60	-65,00	▲	-50,00	-46,35	▲
Balança Comercial (US\$ bilhões)	12,99	14,00	▲	25,00	26,30	▲
Investimento Estrangeiro Direto (US\$ bilhões)	61,50	64,65	▲	60,00	60,00	=

Fonte: Boletim Focus, Banco Central, 30/10/2015.

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA
Rui Costa

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO
João Leão

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS
ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA
Eliana Maria Santos Boaventura

DIRETORIA DE INDICADORES E
ESTATÍSTICAS
Gustavo Casseb Pessoti

COORDENAÇÃO DE
ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL
Luiz Mário Ribeiro Vieira

PESQUISA DE RADAR SEI
Carla Janira Souza do Nascimento
Jorge Tadeu Dantas Caffé
Caroline Crisostomo dos Santos (Estagiária)

COORDENAÇÃO DE DISSEMINAÇÃO DE
INFORMAÇÕES
Augusto Cezar Pereira Orrico

EDITORIA-GERAL
Elisabete Cristina Teixeira Barretto

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Aline Cruz

DESIGN GRÁFICO
Fernando Cordeiro

EDITORAÇÃO
Ludmila Nagamatsu

